



Um Relato de Junho

João Priolli

No dia 19 de junho deste ano de 2013, o prefeito Fernando Haddad, do PT, e o governador Geraldo Alckmin, do PSDB, anunciaram a redução da tarifa dos ônibus, metrô e trens metropolitanos da capital paulista. Dos R\$ 3,20 reajustados, voltou para os antigos R\$ 3,00. A decisão de revogar o aumento nos preços do transporte público foi resultado das grandes pressões vindas da rua e das mobilizações organizadas pelo MPL.

Antes mesmo do anúncio feito pelos mandatários do poder executivo, o MPL já havia organizado um grande ato contra o aumento nas tarifas, marcado para o dia 20 de junho. Seria a sétima manifestação da mesma natureza em quinze dias. O protesto estava marcado para se concentrar no cruzamento das avenidas Paulista e Consolação, com a mesma bandeira de repúdio ao reajuste, mas a decisão conjunta do prefeito e do governador, anunciada no dia anterior, transformou o seu caráter.

Para o MPL era o momento de celebrar uma vitória histórica, na rua, onde a luta sempre se fez e onde o aumento foi derrubado. Assim, o MPL reforçou sua convocação para o dia 20 de junho, deixando claro que a luta não terminaria com a revogação do aumento das passagens. Que iria seguir lutando pela tarifa zero e por uma política de transportes verdadeiramente públicos, ou seja, que garanta aos trabalhadores, aos menos favorecidos, a livre circulação pela cidade, ampliando seu acesso a outros serviços básicos como saúde e educação.

As faixas preparadas pelo MPL para a manifestação da quinta-feira, dia 20, não deixavam a menor dúvida sobre a necessidade de continuar lutando. Numa delas lia-se: “Por uma vida sem catracas.” Na outra: “Tarifa zero já”.

No entanto, o cenário que se podia observar na Avenida Paulista naquele fim de tarde era diverso. Junto com as faixas do MPL, dividia a atenção dos manifestantes uma enorme variedade de mensagens, escritas em cartazes pequenos e mesmo em grandes faixas. Mensagens contra a corrupção, contra a organização da Copa do Mundo, contra propostas políticas defendidas na Câmara Federal, como era o caso das emendas constitucionais 37 e 33.

Essa miscelânea de mensagens era reflexo do que havia ocorrido durante toda a semana. Desde a segunda feira, dia 17, uma verdadeira multidão aderiu aos protestos contra o aumento das tarifas do transporte público. Para a Polícia Militar, cerca de 65 mil pessoas haviam participado dos atos daquele dia. Nas discussões e artigos da internet, o número de participantes foi muito maior. Objetivamente, as manifestações daquela semana haviam crescido muito. Uma intensa campanha midiática escancarou a violência policial da semana anterior e muitos discursos dessa mesma mídia falavam em protestos legítimos. Do quarto grande ato contra o aumento, no dia 13, para o quinto, no dia 20, um grande número de pessoas se somou as manifestações.

Porém, para quem sempre estive na rua protestando, apanhando da polícia e defendendo as diferentes lutas sociais que se travaram no Brasil nos últimos anos, as manifestações dos dias 17 e 18 de junho tiveram a estranha cara de uma festa sem graça. O crescimento do número de manifestantes também fez pulverizarem-se as pautas. O aumento das tarifas passou a dividir espaço com muitas outras questões trazidas pelos novos manifestantes. Muitos dos cartazes destacavam inclusive a inexperiência política destas pessoas. Uma frase ganhou força e destaque nesse sentido – “O gigante acordou!”. Com esse bordão, muitos queriam dizer que a apatia em que encontravam até aquele momento para expressar sua visão das mobilizações.

Era justamente essa mistura de grupos políticos que se esperava encontrar na Avenida Paulista, no dia 20. Mais do que comemorar a vitória sobre o aumento nos preços das tarifas de transporte, mais do que reafirmar seus ideais de uma política de transporte público e gratuito, para o MPL havia também o desejo de trazer novos apoiadores e militantes para a sua causa. A passeata de quinta-feira tinha essa função, de ampliar a discussão sobre o transporte público.

Havia também uma preocupação do MPL e de outros setores da esquerda organizada em negar uma parte das novas pautas, que reafirmavam ideias políticas reacionárias. Os novos manifestantes incorporados aos protestos desde o dia 17 passaram a refletir pautas formuladas pela mídia

e por diferentes setores conservadores. As palavras de ordem contra a corrupção, colocadas de forma genérica, talvez fossem a grande expressão desse movimento.

Na manifestação do dia 20, ficou muito clara a formação de dois blocos na rua. Atrás dos militantes do MPL, reuniram-se diversos grupos de esquerda, que estavam ali também para rechaçar as pautas reacionárias que haviam ganhado força e destaque na mídia ao longo da semana. Bandeiras anarquistas e diferentes bandeiras vermelhas marcavam presença. Mais à frente, caminhava outro grande bloco, cuja identificação eram as bandeiras do Brasil e as faixas contra a corrupção, o governo federal, a Copa do Mundo, etc.

Todas as pistas da avenida estavam tomadas pela multidão. Havia pouco espaço, a caminhada era lenta em direção ao bairro do Paraíso. Na pista do outro sentido, também havia muita gente. De início, tudo parecido com as mobilizações dos dias 17 e 18. As palavras de ordem do bloco de esquerda mudaram sem perder sua essência. De “*Vem, vem, vem pra rua vem, contra o aumento*”, gritava-se agora “*Vem, vem, vem pra rua vem, contra a tarifa*”.

Havia, porém, um clima estranho no rosto de muitos dos militantes do MPL. Estavam tensos, preocupados. Imaginavam ou mesmo já sabiam que haviam grupos organizados para provocá-los. Formou-se um cordão em frente à faixa.

Em meio à multidão verde-amarela, escondiam-se grupos de direita organizados, skinheads e outros grupos sectários, que partiram para a provocação aberta. Gritavam alto, chamando a multidão a acompanhá-los – “*Sem partido, sem partido!*”. Não era novidade. Na segunda e na terça-feira, essas ações também ocorreram, dispersas e menos dirigidas. Mas na quinta-feira, como havia um bloco de esquerda identificável, com suas camisetas e bandeiras de diferentes partidos e agremiações, as provocações tinham direção certa. Ali, perto da faixa do MPL, indivíduos se aproximavam para reclamar da presença de partidos na manifestação.

Na altura do prédio da TV Gazeta, o grupo verde-amarelo que andava à frente do bloco de esquerda parou sua caminhada. Quando os grupos se encontraram, as provocações aumentaram e os militantes do MPL, assim como as pessoas que ajudavam a fazer o cordão de proteção em frente a faixa e outros simpatizantes, começaram a responder às provocações. Contra aqueles que gritavam “*Sem partido!*”, muitas respostas apareciam. “*Somos anarquistas, não defendemos partido nenhum!*”, disseram uns. Outros tentavam argumentar. “*Neste ato estamos todos juntos, partidos e sem-partido!*”.

Do lado dos provocadores, não havia vontade dialogar. Gritavam mais e mais alto o seu slogan antipartidário e passaram também a chamar a todo o bloco de esquerdas de oportunistas. Neste momento, muitos militantes se indignaram. Respondiam às provocações dizendo que “*Esse é o MPL, não somos de partido nenhum, nós que começamos tudo isso!*”. Os oponentes questionavam o MPL por permitir a participação de partidos nos atos, mas para o movimento, que se declara apartidário e não antipartidário, as agremiações de esquerda sempre foram bem vindas. Porém, a presença de militantes do PT irritava os verde-amarelos. Viam ali oportunismo destes militantes em estar na rua, dividindo espaço com suas reivindicações contra a corrupção e contra o governo federal.

Não havia como negociar. A tensão aumentava e era possível notar claramente dois blocos: a esquerda, de braços dados, pedindo calma e tentando argumentar; e o outro grupo, em cima do canteiro que separa as pistas da avenida, acusando de oportunismo tudo o que lhes parecia vermelho. Não faltaram xingamentos. Um grito chamava atenção – “*Não tem vermelho na bandeira do Brasil*” – e dava noção clara do uso do nacionalismo para confundir a massa na rua.

A essa altura, já havia confrontos físicos entre os provocadores e os partidos de esquerda. Identificados com camisetas e bandeiras, militantes do PSTU, PCO e PT foram atacados e reagiram. Mas, para minimizar a agitação, os militantes da esquerda decidiram baixar as bandeiras e foram embora. Os militantes do MPL e muitas pessoas que os acompanhavam procuraram sair do meio dos conflitos. Formando uma grande fila, rasgaram por dentro do grupo que os provocava, tentando atingir a frente da manifestação, onde havia espaço para se proteger. Ao passarem pelos manifestantes verde e amarelos continuaram e ser hostilizados e respondiam: “*Fascistas! Fascistas!*”.

Quando conseguiu sair pela frente da multidão de verde-amarelos, o MPL pode se agrupar novamente e estender suas faixas. Após algum tempo, formou-se um novo bloco, menor do que no início, já sem as bandeiras dos partidos de esquerda. Muitos dos militantes de esquerda e dos partidos se dispersaram. As bandeiras vermelhas não seguiram na manifestação, com exceção de um grupo anarquista, que caminhou pela paulista noite adentro.

Os militantes do MPL e um grupo menor de pessoas continuaram sua caminhada até o começo da Avenida Paulista, no Paraíso. Assim como antes da confusão, os militantes foram muito procurados pela imprensa, tanto por fotógrafos como por jornalistas. O tempo todo, em suas entrevistas, reafirmaram suas posições sobre as mobilizações e a importância da vitória

nas tarifas para toda a população de São Paulo. Condenaram as agressões que os militantes de esquerda sofreram e enfatizaram a importância dos diversos apoios que receberam.

Quando o bloco de esquerda, agora à frente dos outros, chegou ao começo da avenida, na altura da Praça Oswaldo Cruz, parou. Os militantes do MPL pediram para que aqueles que estavam ao redor se abaixassem e um deles começou a falar. Lembrou as lutas de anos anteriores, saudou o compromisso e os apoios de muitos companheiros, e principalmente a vitória arrancada sobre a prefeitura e o governo do Estado de São Paulo. Anunciaram que iriam se dispersar a partir dali e assim foi feito.

Voltando pela Avenida Paulista, podiam-se ver outros blocos, grandes grupos de pessoas, muitos em clima de alegria e festa. Gritavam palavras de ordem, cantavam o hino nacional e apresentavam suas múltiplas pautas. Quem acompanhasse estes grupos por alguns minutos poderia perceber que a questão da gratuidade dos transportes públicos, agora, passava ao largo de suas preocupações. Um dos grupos gritava, de forma curiosa: “*Vem, vem, vem pra rua vem contra o governo!*”. Sem explicitar exatamente qual deles contestava.